

## Editorial

A pesquisa em Linguística e Literatura tem crescido de forma exponencial nas universidades brasileiras, basta observarmos a quantidade de artigos publicados nos diversos periódicos da área. A *Revista Odisseia* muito se orgulha de fazer parte desse processo de expansão e divulgação dessas pesquisas no nosso país. Por isso, temos a grata satisfação de apresentar aos leitores a nova edição, a número 1 do volume 8 de 2023, composta por nove textos, dentre os quais oito artigos e uma tradução. Nessa edição, contamos com a colaboração de vários pesquisadores, mestrandos, mestres, doutorandos e doutores, num total de 16 colaboradores, de diversas instituições universitárias espalhadas pelo Brasil.

No primeiro artigo, “Modos de apropriação e produção de conhecimento na universidade: uma análise da escrita acadêmica em dissertações do ProfLetras”, Valnecy Oliveira Correa Santos, da Universidade Federal do Maranhão, e Sulemi Fabiano Campos, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, fazem “uma abordagem acerca da escrita acadêmica, compreendida como ponto de articulação entre o linguístico e discursivo”. Para isso, elas utilizam conceitos da Análise de Discurso, associando-os aos princípios do método indiciário. O *corpus* “foi constituído por seis dissertações do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras)”. Como resultado, foi possível “constituir três formas de apropriação – performativa, retórica e de conhecimento”.

Na sequência, em “A alegria como procura de si: uma leitura de *Carnaval* de Manuel Bandeira”, Elzio Quaresma de Ferreira Filho e Antônio Máximo Ferraz, ambos da Universidade Federal do Pará, realizam uma leitura de “Carnaval”, de Manuel Bandeira, colocando em relevo o afastamento da sua poesia “da ideia do comum do carnaval como uma festa de prazeres desmedidos para privilegiar a visão dessa festa como um fenômeno em que a dor interior convive com o ímpeto de superá-la através do prazer imediato”. Para isso, adotam uma abordagem interpretativa, que almeja “a escuta do dizer da linguagem que ressoa em cada poema interpretado”. “Carnaval” é, desse modo, uma travessia à procura de si.

O terceiro artigo desta edição é “Reconhecimento de padrões de orações passivas por meio de Mapas Auto-Organizáveis”, de Gesieny Laurett Neves Damasceno, da Universidade Federal do Espírito Santo, e Violeta Virginia Rodrigues, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse trabalho, as autoras procuram “lançar as bases para

o desenvolvimento de um modelo descritivo capaz de distinguir, por intermédio da Rede Neural de Mapas Auto-Organizáveis (Rede SOM), as diversas configurações que as orações passivas formadas com verbo auxiliar ser + particípio passado do verbo principal assumem em contextos específicos de interação”. Usam para tal, como *corpus*, 220 orações alocadas em 46 neurônios, “que representam diferentes exemplares de orações passivas”, levando em consideração as classes de oito parâmetros previamente selecionados. As autoras destacam que “a definição do número ótimo de grupos possibilitou [...] a apreensão dos dados a partir de, basicamente, três importantes agrupamentos, que retratam os principais significados evocados pelas orações passivas no âmbito das 102 notícias jornalísticas analisadas”.

Em “‘Cadê o Modes’? Efeitos de sentido no discurso sobre a pobreza menstrual em reportagem da Folha de S. Paulo”, quarto artigo desta edição, os autores Francisca Maria Nunes da Silva e Sóstenes Ericson Vicente da Silva, ambos da Universidade Federal de Alagoas, objetivam “contribuir com a discussão sobre a problemática da pobreza menstrual e a existência de políticas sociais no contexto do neoliberalismo”. Para isso, utilizam “o recorte de uma reportagem da Folha de S. Paulo”, baseando-se “nos dispositivos teórico-analíticos da Análise do Discurso pecheutiana”. Como resultado, os pesquisadores demonstraram “que, em se tratando da pobreza menstrual, há um longo caminho a percorrer na luta das mulheres para o alcance de direitos sociais no contexto neoliberal”.

No quinto artigo, “O jogo mimético na Odisseia, de Homero, e em A odisseia de Penélope, de Margaret Atwood”, Edcleberton Modesto e Ívens Matozo Silva, ambos da PUC-RS, fazem uma análise comparativa entre a “Odisseia” (2011), de Homero, e “A odisseia de Penélope” (2020), de Margaret Atwood, “no que se refere à importância da mimese e da verossimilhança através de Penélope”. Tomando como aporte teórico Carvalhal (1991), Carreira (2008), Renaux (2009) e Castro e Oliveira (2017), os autores/pesquisadores analisam um entrelugar “suspenso pelo não dito que, sob o olhar [de Margaret Atwood], desvela aspectos do texto homérico, enfocando [...] não mais Ulisses, mas Penélope”. Na perspectiva de Modesto e Silva, o estudo “possibilita pensar a literatura a partir de seu contexto representado nas obras e a função social que elas exerceram/exercem para a sociedade”.

No seguimento, em “Por uma metaficção historiográfica dos contatos linguísticos na formação do português do Brasil”, Jacson Balduino Silva, da Universidade Estadual de Feira de Santana, “questiona a verdade colocada pela historiografia oficial e aponta

que há verdades, contadas agora pela voz daqueles personagens apagados e silenciados pelas histórias oficiais”. A proposta do artigo é analisar o romance “Um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves (2021 [2006]) “como uma metaficção historiográfica dos contatos linguísticos ocorridos na formação do Brasil e, conseqüentemente, do português brasileiro”. Para tal, o autor fundamenta-se nas teorias de Lucchesi (2009; 2017; 2019), e Mattos e Silva (2004), dentre outros. Conclui que há necessidade de “uma intersecção entre a Literatura e as Teorias Linguísticas, pois as narrativas ficcionais podem ser utilizadas como um suporte para as discussões, nos cursos de Letras/Português, sobre os contextos sócio-históricos de formação do português brasileiro [...]”.

O sétimo artigo, “Um estudo do aparelho psíquico em ‘O Grande Inquisidor’, de Dostoiévski”, de Noah de Aguiar Pinho e Altamir Botoso, ambos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, tem como proposta evidenciar “os agentes do aparelho psíquico freudiano, que conformam a referida narrativa”. Com esse intuito, analisam as facetas do superego e os fluxos do id e do ego “em relação aos principais intentos das personagens”, objetivando demonstrar que existe na obra de Dostoiévski uma crítica “ao ser humano dominado e robotizado”.

Em “O estresse agudo de Orestes em Eurípedes”, de Luciano Heidrich Bisol, é feito “um levantamento do estado da arte sobre a incorporação de termos médicos no corpus trágico ao longo do século V a. C., especificamente sobre os transtornos psíquicos que acometem a personagem Orestes”. A pesquisa é bibliográfica interdisciplinar e parte dos estudos “sobre a história da medicina grega de Jacques Jouanna e da psicologia cognitivo-comportamental, na linha de Aaron Beck”. O objetivo do artigo é “verificar as relações metonímicas entre o conceito de mania na antiguidade clássica e o conceito de estresse pós-traumático na psicologia contemporânea” por meio da leitura de uma obra clássica.

Na seção “Tradução de artigos”, Clemilton Lopes Pinheiro e Mateus Parducci, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, traduzem o artigo de Ana Agud, da Universidade de Salamanca, intitulado “A necessidade e os paradoxos da linguística integral”, cujo enfoque é a ideia de que “uma ‘linguística integral’ de Coseriu precisa de uma reflexão profunda”.

Agradecemos, em nome da equipe que forma a *Revista Odisseia*, a todas as pessoas que contribuíram para a publicação desta edição, pela confiança depositada no nosso trabalho, sabendo do nosso compromisso com a divulgação científica da

área de Linguística e Literatura. Agradecemos, especialmente, aos autores e autoras e aos pareceristas, do corpo editorial e os *ad hoc*.

Boa leitura a todos!!

Samuel Anderson de Oliveira Lima

[sanderlima25@yahoo.com.br](mailto:sanderlima25@yahoo.com.br)

Marcelo da Silva Amorim

[marcsamorim@gmail.com](mailto:marcsamorim@gmail.com)

Editores